

# SÍMBOLO, RETÓRICA E MITO DO AMOR CORTÊS NA PASTORELA

*Júlio Carvalho*

**Introdução. O poema.**

Cantiga de maestria do gênero pastorela, com quatro estrofes singulares formadas por sete heptassílabos, apresentando rimas femininas e masculinas (vv. 1, 3, 5, e 6; 2, 4 e 7). Podemos encontrá-la em CBN 967 (versão parcial) e em C.V. 554.

Esta poesia, do poeta galego Joan Airas de Santiago, frequentador das cortes de Afonso X e de Afonso III (o rei português mecenas da poesia trovadoresca) é considerada uma obra-prima por insignes especialistas como Rodrigues Lapa, Celso Cunha e Vitorino Nemésio.

Trata-se de uma pastorela produzida de acordo com o gosto poético galaico-português.

O editor do texto que utilizamos, José Luiz Rodrigues, acha que o espírito galego-português “asoma en la cantiga en la supervaloracion del sentimento sobre lo discursivo y lo intelectual, de manera que incluso em marco paisagístico /.../ es simbólico y está en función de ese mundo de amor pergeñado” (p.140).

**Leitura.**

Esta pastorela contém em si a profunda dialética do Mito do Amor no qual a sexualidade é sugerida mediante a menção do ritual da Cortesia.

O sujeito-lírico-narrador nos revela a visão de uma pastora que, ao alvorecer, saía de uma ablução matinal ainda modelada nas suas vestes molhadas.

A moça canta denunciando sua alegria e seu entusiasmo.

A visão total é a de uma moça em pleno raiar do sol, saindo do rio em que acabou de se lavar, com as vestes molhadas contornando seu corpo, num lugar ermo e aprazível. As aves voam à sua volta, pulando de ramo em ramo,

produzindo um belo contracanto, com seus gorjeios, a canção entoada pela menina.

O quadro se esboça de acordo com a tradição pictural paisagística da lírica galego-portuguesa.

O leitor acostumado com o código poético desta escola já percebeu que o contexto sugere a través dos seus elementos uma informação cifrada: manifestam-se condições propícias para sugerir a realização do amor. O texto do poema, tão fortemente intencionado em manifestar tal fato, se faz redundante, deixando isto claramente nos versos 5-7, da segunda estrofe:

mais non sei tal qu'í 'stvesse  
que en al cuidar podesse  
se non todo en amor  
("não sei pois quem pudesse ali estar  
que não pensasse em outra coisa  
senão no amor")

E quem nos reitera a condição é o sujeito do texto, personagem, por enquanto, *voyeur*.

O narrador depois de ter ficado em silêncio se manifesta como ator. A jovem se assusta e, recorrendo à "Cortesia", pede ao mesmo que se afaste. Sua razão: alguém chegando poderia pensar que estava havendo mais do que o permitido ou que já teria acontecido ("que m'ais ouv'i").

O pretexto é pequeno e se encaixa no contexto, pois o jovem contemplador disse que só queria falar um pouco. A jovem foi quem imaginou mais, colocando como único impedimento "alguém chegar". Este problema, já que o lugar era ermo e distante, seria facilmente contornável.

O que há mais? A jovem, requerendo o recurso à *mesura*, dá a deixa; faça de acordo com o ritual do Amor Cortês.

Os elementos anteriores do texto preparam e completam o que a leitura deve perceber.

O nosso leitor poderá estar nos acusando de imaginar o que não está na cantiga, ou seja, ter havido qualquer coisa entre a pastora e o seu observador. No final da leitura dissemos: "a leitura deve perceber". Com isto é que a Poética Galaico-Portuguesa jogava, ou melhor, prescrevia como regra do jogo no lance da leitura: perceber o sugerido; sentir o "que mais ouv'i"...

Em outras leituras (CARVALHO, 1973; 17-22), sobretudo das Cantigas de Amigo, já mencionamos esta singularidade da Poética Galaico-Portuguesa. Esta Poética, refinada no seu fazer, refinava também a leitura.

Gostaríamos de mencionar a importância da Retórica do *locus amoenus* neste poema.

Ernst Curtius (1955; I; 276) mostrou-nos que em Virgílio o "lugar ameno" é um espaço que serve para ilustrar a vivência do prazer e que, como categoria

retórico-poética, era sempre uma paisagem formosa, sombria, com árvores, pássaros cantando, com uma fonte ou um riacho.

Na poesia medieval o espaço aprazível consagrou-se como o lugar ideal do encontro amoroso para com isto conotar a idéia do ato amoroso como uma ação natural e edênica perdida com a visão cristã do pecado. Para algo agradável e natural, nada como a natureza agradável!

A água, complemento obrigatório, simbolizava o sentido da purificação do esforço com toda a sua tradicional carga semântica de elemento relacionado à idéia de fecundação.

O amor cortês se manifesta através de uma linguagem estabelecida pelo Mito do Amor, fazendo com que a imagem se “transforme numa escrita” (BARTHES. 1972; 132).

No caso da pastorela de Joan Aires de Santiago o texto obedece aos pressupostos da Poética do Amor Cortês, muito mais do que às do *Fin'amor* (cf. Carlos Alvar).

## Bibliografia

- BARTHES, Roland. Mitologia. Trad., Rita Buongemino e outro. São Paulo, Difel, 1972.  
CARVALHO, Julio. Pero Meogo, “fontana fria”, poesia quente. Revista Ocidente (LXXXIV). Lisboa, 1973.  
CURTIUS, Ernst Robert. Literatura europea y edad media latina. Trad., Margit Frenk Alatorre e outro. México. Fondo de Cultura Económica. 1955. 2 Volumes.  
RODRIGUES, José Luiz. El cancionero de Joan Airas de Santiago. Universidade de Santiago de Compostela, 1980.

## Texto

Pelo Souto de Crecente/úa pastor vi andar/ muit'alongada de gente,/alçando a voz a cantar,/apertando-se na saia/quando saía la raia/do sol, nas ribas do Sar.

E as aves que voavan,/quando saía l'alvor,/todas d'amores cantavan/pelos ramos d'arredor,/mais non sei tal qu'i 'stevesse,/que en al cuidar podesse/senon todo en amor.

Ali 'stivi eu mui quedo,/quis falar e non ousei,/empero dix'a gran medo:/ — Mía senhor, fala-vos-ei/un pouco, se mi ascuitardes,/e ir-m'ei uando mandardes/máis qui non [e] starei.

— Senhor, por Santa Maria,/non estedes máis aqui,/mais ide-vos vossa via,/faredes mesura i:/ca os que aqui chegaren,/pois que vos aqui acharen,/ben diran que máis ouví.